

EDUCAÇÃO, VIDA E CRIAÇÃO: EDUCRIAÇÃO

Os biótopos da série "*Specimen of secrecy about marvellous discoveries*" (*Espécime de segredo sobre descobertas maravilhosas*) são ambientes criados pelo artista Eduardo Kac¹ em um meio de cultura contido numa espécie de exoesqueleto, que também funciona como moldura. Cada biótopo é definido como um corpo, um indivíduo com sua própria identidade. Nos dizeres de Kac²:

Cada trabalho é tanto uma entidade singular, como nós, e uma comunidade de células e microorganismos, como eu e você. [...] Assim como fazem em nosso corpo, humano, essas enormes comunidades de microorganismos do biótopo interagem entre si e, como uma unidade, interagem com o ambiente. É um trabalho que sempre muda, pois, é literalmente vivo³.

Se uma obra de arte revela o universo poético do artista - traduzindo o mundo por ele criado -, na plataforma estética da arte transgênica encontra-se a criação de outras formas de vida, artificiais, que não existem na natureza. Eduardo Kac se apropria de instrumental genético para criar, fazer pulsar, a partir da arte, outras possibilidades de contato que promovem encontros híbridos entre os seres.

Este artista plástico é brasileiro de origem, carioca, nascido em 1962, e vive desde 1989 nos EUA, onde leciona e pesquisa. Um dos mais renomados artistas envolvidos na criação com novas mídias, é reconhecido internacionalmente por suas instalações interativas, que dão visibilidade a novos conceitos na arte contemporânea. Tornou-se cidadão do mundo pela projeção de suas criações, que nas últimas décadas transitam entre obras que vão da holografia à telepresença, à robótica, à bioarte e à arte transgênica - exploração de material genético para criação de vida.

Suas obras inauguram o conceito de bioarte - manifestação artística em que se utiliza matéria viva para produzir arte -, muitas vezes em laboratórios. Inspiradas pela ciência, sobretudo pela biologia e pela genética, suas obras despertam questões éticas, sociais e estéticas. Trabalha com múltiplos materiais, que abrangem diversas linguagens: é poeta, escritor, pintor, escultor, criador de seres vivos, o que amplia a

¹ Eduardo Kac Web <http://www.ekac.org/>

² *Eduardo Kac: uma conversa com o artista*. Entrevista originalmente publicada na Art.Es, jan/fev de 2008, Espanha. Por Simone Osthoff. Tradução: Cristina Caldas, Revista ComCiência, setembro de 2008.

³ Eduardo Kac Web <http://www.ekac.org/>

divulgação dos conceitos que quer discutir. Desde os seus primeiros experimentos, nos quais convergem o digital e o biológico, investiga as dimensões políticas e filosóficas dos processos de comunicação. Explicita estas intenções em recente entrevista:

Crio obras de arte que vêm do meu universo próprio, individual, subjetivo e poético. Estas obras buscam produzir uma ressonância emocional e cognitiva com espectadores e participantes. Ao mesmo tempo, levanto questões fundamentais sobre o que significa ser humano no século vinte e um em diante⁴.

Kac pensa e nos faz pensar sua obra, criação de vida, em todas as suas dimensões: discursiva, afetiva, perceptiva, interativa, dando ênfase ao que há de novo na obra, porque é aí que se encontra o domínio da invenção e da imaginação. Com ele, é possível trabalhar com a idéia de arte como pulsão de criação e de força/potência, e considerar as obras de arte em sua relação com a tecnociência, elegendo as dimensões da obra que são filosóficas e culturais: estética relacional. Nos dizeres de Kac,

Invenção e modificação da vida pelo artista, para fazer a obra de arte. Ética performativa: experiência ética colocada pelo artista como elemento primário da plataforma estética; quando a obra desempenha uma ação ética deliberada, a ação ética e a ação estética estão integradas já no nascedouro da obra, não a posteriori⁵.

Viver agora é também captar indícios da existência de outro humano, o que leva ao reconhecimento de outra biologia que configura o humano, que se mostra na relação do controle e da resistência que as obras de arte transgênica oferecem. Para ele, a questão da genética não é pura e simplesmente problema científico, mas está diretamente ligada aos aspectos políticos e econômicos.

Retorno às perguntas-sensações que acompanham minhas experiências: se na contemporaneidade nos tornamos outros, híbridos e mutantes – descendentes de tantos mundos quantos os que pudermos criar – por que estes corpos plugados ainda insistem em manter conexões de outrora, em instituições que nos colocam frente às relações dualistas, paradoxais? Aproximações estéticas permitem trazer a arte transgênica para pensar novas relações de vida, que acontecem entre o humano e o inanimado?

Movimento é vida. E vida pode movimentar-se em manifestações biológicas, ou se a concebemos com Agamben, no sentido que lhe confere a palavra *bíos*, pode movimentar-se em vida formalizada de um grupo ou um indivíduo, politizada. Vida

⁴ Eduardo Kac: *uma conversa com o artista*. Entrevista originalmente publicada na Art.Es, jan/fev de 2008, Espanha. Por Simone Osthoff. Tradução: Cristina Caldas, Revista ComCiência, setembro de 2008.

⁵ Entrevista a Eduardo Kac para a revista online Interact (www.interact.com.pt). Realizada por ocasião dos Encontros de Arte e Comunicação (Junho de 2005).

movimenta-se ainda na palavra grega *zoé*, que nomeia o simples ato de viver, aquilo que os homens dividem com os animais, vida natural. Vida também pulsa no par arte/ciência, se abraçamos as sensações, espaço de criação de outras formas possíveis de vida, como força de inscrição de sentido.

Estética da existência: vida como obra de arte.

Em movimento: vida em transformação.

Instiga-me a pensar movimentos, vida em movimento. Provoca-me a movimentar a vida pela pulsão da arte. Vida e educação... Vida para além do corpóreo, biológico, concreto que se fantasia de realidade... Desejo de caminhar por um terreno incerto de vida e educação, no encontro com a arte. Educação e as configurações de vida, e potencialidades da arte contemporânea para fazer deslizar estes conceitos...

Educiação

“faça crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção”
“prefira o que é positivo e múltiplo; a diferença à uniformidade; o fluxo às unidades; os agenciamentos
móveis aos sistemas”
Michel Foucault

Se para Veiga-Neto *a reflexividade, o espetáculo, a aparência, a transitoriedade e o consumo - material ou simbólico pouca diferença faz— pautam a vida contemporânea*; se, para este autor, *currículos-programação* ou *currículos-trajetória-de-vida* designam uma *ação de trilhar (ou de ter trilhado) um determinado (per)curso*; com ele concordaremos ainda que o currículo funciona como condição de possibilidade para que a lógica disciplinar faça *da escola essa ampla e eficiente maquinaria de fabricação do sujeito moderno e da própria sociedade disciplinar*.

Se com Amorim a educação pode ser pensada como *signo no meio, num campo de forças e vetores da arte*; se sua escrita escolhe o conector *que se (what if)*, que constitui um *pensamento sem sujeito, pensamento de efetuação temporal e espacial, que permite a linguagem não representacional*; se sua *aposta nas forças de singularidades masculino-feminina e nos valores da diferença, na intensidade dos encontros e da sensação*; *insubordinar-se-á experiência e subjetivação, uma vez que são linhas de conexão da singularidade ao universal, nunca alcançado, portanto plano de transcendência, de idealização*.

Possibilidades de pensar a aproximação da arte em sua pulsão estética com maneiras de *desformar* a educação. Tirar da educação suas naturalidades, fixadas em currículos e metodologias que não nos deixam transver o mundo. Esta busca por uma educação como experimentação, pelo contato vicinal, convida a quem se dispõe enveredar por corredores e salas, permitindo-se sentir o escorrer e o pulsar do sangue nas veias, no ritmo de batidas cardíacas, no compasso da respiração, vivendo intensidades pelas entranhas viscerais e não pelo fora epidérmico. Com Corazza: *Artistagens: Educação que: sabe rir, comover, mover pernas e asas.*

Educriação: Criação de outros mundos possíveis como resistência...

Pode um (a) professor (a) resistir, suspendendo o movimento mecânico do fazer? Interromper a ação repetitiva dos fazeres-educacionais; imprimir inventividade ao currículo, desenhando-o em rizomáticos contornos, ao mesmo tempo em que se estabelece rigor conceitual, escapando dos exercícios de fixação de conteúdos – tão caros aos sistemas de ensino, que investem pesado no modelo competitivo -, para buscar, experienciar saberes. Neste trajeto nos deparamos com a idéia de educação-verdade absoluta, essencializada, que busca uma natureza, um centro, e se guia pelo poder transcendente. Aqui corremos o risco de enveredar pelos caminhos da queixa, tão trilhados por nós, professantes que somos, em/de espaços-escolas incompreensíveis, habitados por babélicos seres que se estranham e se atacam.

Des-pedagogizar a educação hiper-escolarizada. Armadilha metodológica? Talvez. Prefiro pensar pela potência do não. Negação das práticas mesmas. Subverter a Educ-Ação forjando-lhe caráter político, filosófico, operatório. Recomeçar a educação, sair da trilha pedagógica que se configura enquanto estratégia metodológica, que se pergunta como fazer para se propor a repensar o aspecto ético e estético do existir.

Abraçar a noção de vida para além de sua definição biológica. Criar uma leitura e escrita de vida que movimentem recomeços na educação. Em Pélbart:

O bios é redefinido intensivamente, no interior de um caldo semiótico e maquínico, molecular e coletivo, afetivo e econômico. Aquém da divisão corpo/mente, individual/coletivo, humano/inumano, a vida ao mesmo tempo se pulveriza e se hibridiza, se moleculariza e se totaliza⁶.

Nos dizeres de Gallo, exercício de mestiçagem que nos convida a sair do hábito. Educação campo-de-pensamento que assume o poder de afetar e de afetar-se, com Deleuze:

⁶ Peter Pál Pelbart, p. 83

(...) Há um modo de individuação muito diferente daquele de uma pessoa, um sujeito, uma coisa ou uma substância. Nós lhe reservamos o nome de hecceidade. Uma estação, um inverno, um verão, uma hora, uma data têm uma individualidade perfeita, à qual não falta nada, embora ela não se confunda com a individualidade de uma coisa ou de um sujeito. São hecceidades, no sentido de que tudo aí é relação de movimento de repouso entre moléculas ou partículas, poder de afetar e de ser afetado (...). DELEUZE, 1997, p. 47.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. *A imanência absoluta*. In: ALLIEZ, Éric (Org.) Gilles Deleuze, uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 169-92.
- AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. *Fotografia, som e cinema como afectos e perceptos no conhecimento da escola*. Rio de Janeiro: Teias, ano 8, nº 15-16, jan/dez 2007.
- CORAZZA, Sandra Mara. *Artistagens: Filosofia da Diferença e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DELEUZE, G. *O que é a Filosofia*. Trad. Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: 34, 1992.
- DELEUZE, G. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4, São Paulo: 34, 1997, p. 47.
- FOUCAULT, Michel. *Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista*. In: ESCOBAR, Carlos Henrique. Dossiê Deleuze. Rio de Janeiro: Hólon Editorial, 1991.
- GALLO, Sílvio. *Deleuze & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- KAC, Eduardo. *O Oitavo Dia*. Tradução de Ana Valéria Lessa. Originalmente publicado em português em: MACIEL, Katia (org). *Redes sensoriais: arte, ciência, tecnologia*. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2003, pp. 259-264.
- PELBART, Peter Pal. *Vida Capital: Ensaio de Biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- VEIGA-NETO, Alfredo. *O Currículo e seus três adversários - os funcionários da verdade, os técnicos do desejo, o fascismo*. Texto apresentado no V Colóquio Michel Foucault, na UNICAMP, em novembro de 2008.